

Os tempos eram outros ...

Onde nasci muitas eram as dificuldade sobre saúde, pois dava febre amarela, com paludismo, daí o jeito era se colocar uns quatro lençóis na pessoa que ela não passava frio. Se tratar com médicos não era fácil, minha mãe teve dezoito filhos, cresceram só sete filhas. Muitas crianças morriam ao nascer ou ainda muito pequenos. As pessoas quando estavam com frio e febre, não conseguiam ser levadas pra atendimento. A gente pra tirar aquelas pessoas doentes, tinha que levar na rede, colocava a pessoa na rede, atravessava os punhos da rede com uma vara forte e, ainda, precisava de duas pessoas pra levar até onde podia consultar. Por exemplo, em São Paulinho (localidade próxima de Santa Maria, no Nordeste do Pará) tinha uma senhora que fazia aplicação de injeção, era longe! Só, muito depois, a mamãe começou aplicar injeção e fazer curativo.

A vida na comunidade era muito simples. Dizem que índio é preguiçoso, mas juntando tudo que falei, não dá pra chamar de preguiçoso. Minha mãe mesmo fazia de um tudo: bordava, fazia sapatinho de crochet e muitas outras coisas que precisávamos.



Muitas crianças morriam ao nascer ou ainda muito pequenos. As pessoas quando estavam com frio e febre, não conseguiam ser levadas pra atendimento”



PAU DE ARARA

Nome pelo qual se chamavam os caminhões que de forma improvisada levavam em suas carrocerias carga e passageiros. Estes acomodados sobre tábuas corridas, colocadas como assento para o passageiros, sob as tábuas corridas ia a carga que consistia em diversos produtos: sacos de açúcar, paneiros de farinha, malas dos passageiros e o que mais aparecesse. pode se dizer que eram os ônibus de antigamente, aí pelos anos sessenta no interior do Pará que ganhou a malha viária com a extinção da Estrada de Ferro de Bragança. Hoje, é mais difícil vê-los por conta da fiscalização, mas nas estradas vicinais eles ainda reinam.

Para ter uma ideia, nossas toalhas de banho era feitas de saco de açúcar, assim como os lençóis, toalhas de mesa e panos pra cobrir na mesa, emendava-se um no outro e fazia do tamanho que queria o que era necessário. Às vezes, as bordas eram desfiadas e os fios assim trabalhados eram trançados, era muito bonito. Não tinha escova pra esfregar roupa, usava-se o sabugo de milho ou a palha do milho, quando ‘tava limpinho colocava anil pra deixar branquinho, branquinho.

As louças eram lavadas, muitas vezes no igarapé ou no rio, esfregadas para tirar o preto de cozinhar no fogão a lenha se usava a areia fina do fundo d’água, daí tudo ficava bem ariado, aí da filha que não fizesse bem seu trabalho. As casa eram humildes, mas as panelas brilhavam e os panos eram alvejados, branquinhos, dava gosto entrar nas casas, muitas feitas apenas de chão de barro batido para não levantar poeira.

Nós lavávamos os dentes escovando com uma folha do mato parecida com a folha do tabaco (*Nicotiana rustica*), ou então se esfregava os dentes com pedra de carvão, ou ainda com limão com sal, pois nem se pensava em comprar pasta dental, era muito cara. Outros, usavam o sabão e todos ficavam com os dentes limpinhos, pasta dental é mais agradável pelos produtos e o perfume, mas ainda hoje é cara.

O mundo parecia distante, quando eu era menina, de quinze a quinze dias passava um carro, chamávamos “**pau de arara**” ia de Belém a Capanema, e a nossa mãe saia conosco, ainda, crianças e nós caminhávamos a pé, por vários quilômetros, às vezes papai vinha nos deixar a cavalo e nós ficávamos à beira da estrada. Mamãe fazia fogo pra nos esquentar, cobria-nos com a saia rodada, naquele tempo as mulheres usavam umas três saias. Tinha mais uma combinação que se colocava por baixo do vestido. Ficávamos esperando até o carro passar. O caminho era feito para obter consulta em Capanema, município vizinho à Santa Maria do Pará, com um farmacêutico, conhecido como Senhor Nego Branco.